

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

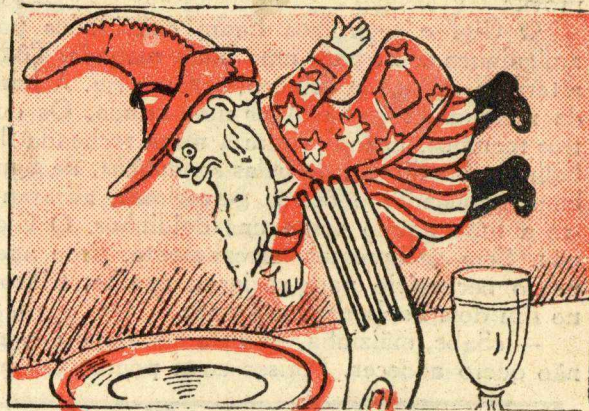
NOVA CARTA ABERTA AO ANÃO SABICHÃO

== POR LEONOR DE CAMPOS ==

Queridíssimo senhor Anão:

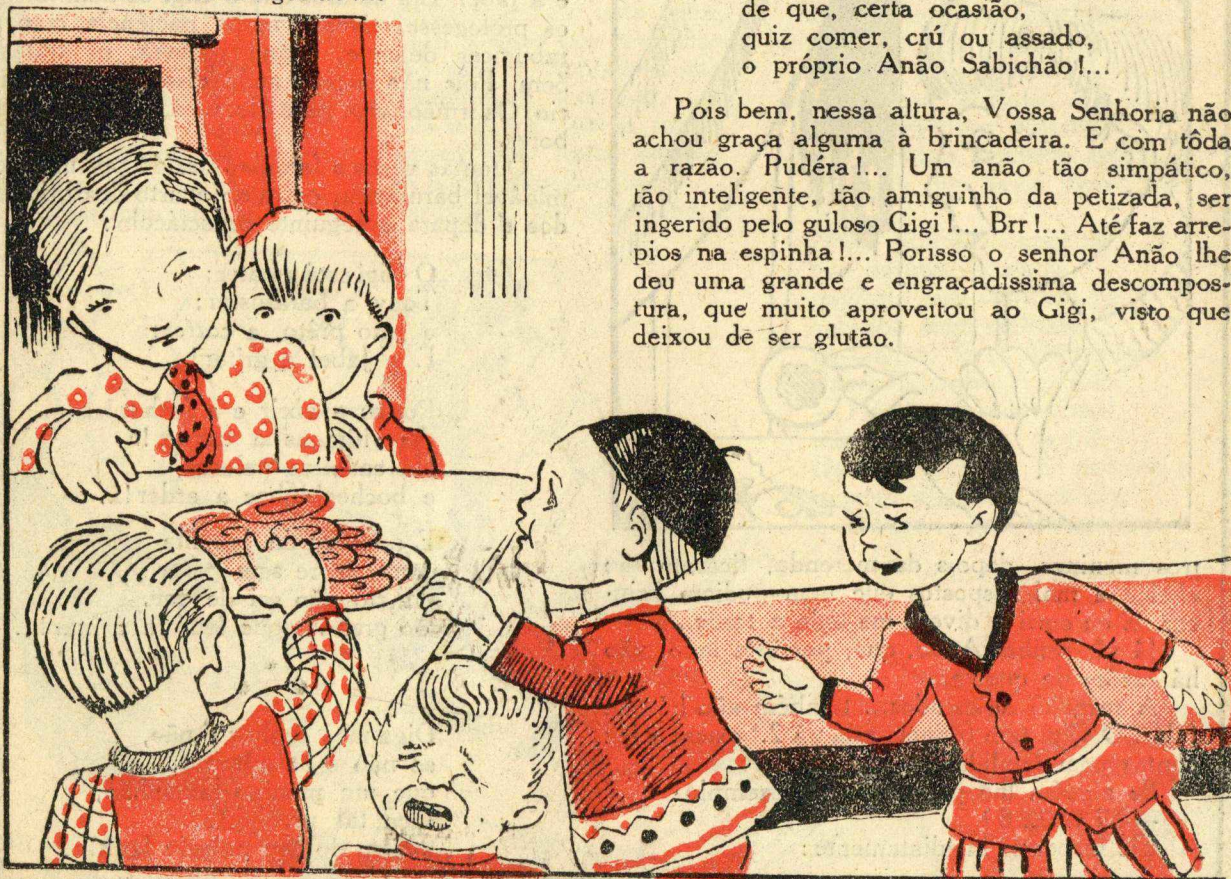
FICOU-ME a bôca doce. Cá volto a importuná-lo. E...—que tristeza, meu amigo... —por causa do mesmo rapazola, do Gigi. Lembra-se dêle, senhor Anão?

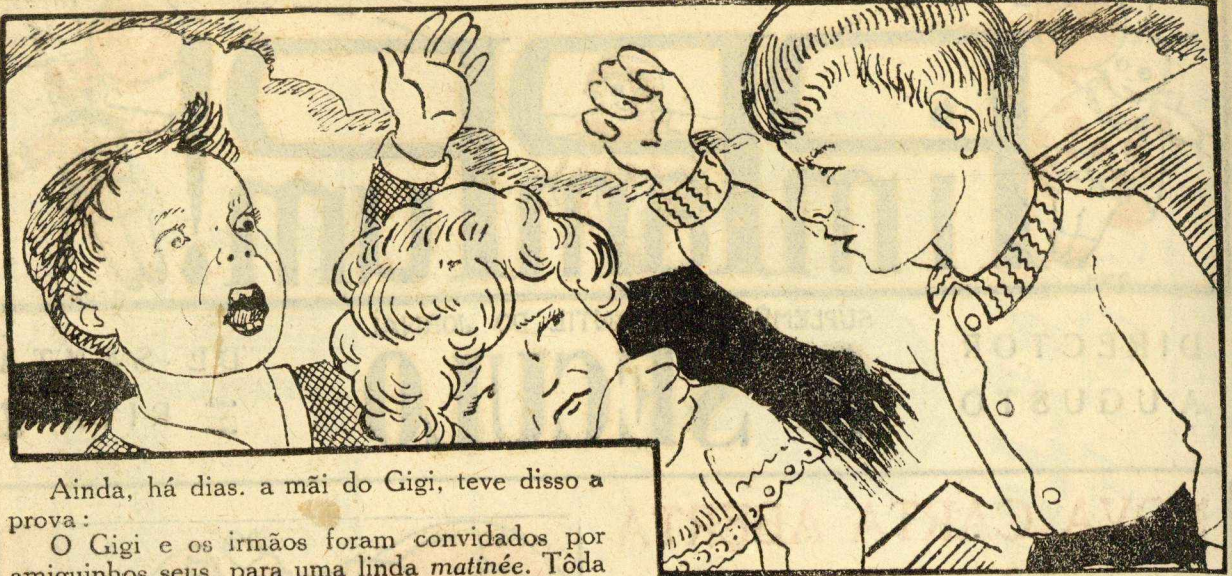
O Gigi era glutão!...
Comia como um danado!...
Era cada indigestão!...



E... não sei se está lembrado de que, certa ocasião, quiz comer, crú ou assado, o próprio Anão Sabichão!...

Pois bem, nessa altura, Vossa Senhoria não achou graça alguma à brincadeira. E com tôda a razão. Pudéra!... Um anão tão simpático, tão inteligente, tão amiguinho da petizada, ser ingerido pelo guloso Gigi!... Brr!... Até faz arrepios na espinha!... Porisso o senhor Anão lhe deu uma grande e engraçadíssima descompostura, que muito aproveitou ao Gigi, visto que deixou de ser glutão.

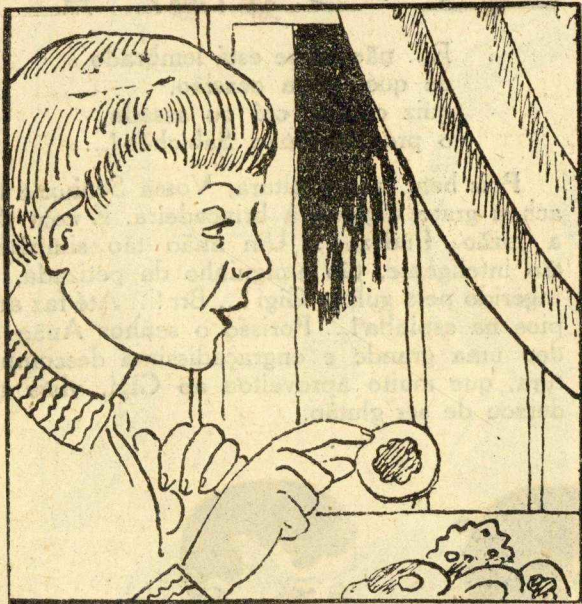




Ainda, há dias. a mãe do Gigi, teve disso a prova:

O Gigi e os irmãos foram convidados por amiguinhos seus, para uma linda *matinée*. Tôda a tarde a criançada brincou, saltou e riu. A hora da merenda, foi chamá-los uma criada. Os outros meninos, apenas viram a mesa recheada de bolinhos apetitosos, de belas *sandwichs*, de bombons, rebuçados e outras guloseimas, atiraram-se a tudo aquilo como uns doidinhos. O Gigi não. Sem se apressar, serenamente, tirou apenas o necessário para saciar o apetite, trincou no fim dois bombons .. e pronto.

— «Sabe, mãizinha, — dizia êle, depois — eu não quero adoecer. Porisso comi pouco. Os ou-



tros meninos. depois da merenda, ficaram ão cheios e mal dispostos que nem podiam brincar. E eu corri e diverti-me tôda a tarde...»

Já vê, senhor Anão, que, por êste lado, não há razões de queixa.

A respeito de estudos... também não há que falar. O Gigi tem 6 anos, está na 2.ª classe e faz contas com facilidade.

Se alguém lhe pergunta, por exemplo:

— «9 vezes 8?

Ele responde imediatamente:

— «72...»

Ou então:

— «Quantos são 178 com 122?»

O Gigi pensa um pouco e responde sem hesitar:

— «300...»

Ora pois .. O Gigi não é um menino bruto. Dêstes que fazem maldades, porque... coitadinhos!... não sabem distinguir o bem do mal. Portanto, não tem desculpa quando é mau.

E é justamente por isso, senhor Anão, que eu venho, hoje, de novo, incomodá-lo.

O Gigi tem dois irmãos mais novos: o Tony e a Jabel. Era natural que o Gigi os auxiliasse e os protegesse, tivesse muita paciência com as rabugices deles e, numa palavra, os tratasse bem. Pois não sucede nada disso. Pelo contrário. Os irmãos são, para êle, uma espécie de tambores.

Quantas vezes a família, atraída por uma formidável barulheira, corre ao quarto dos brinquêdos e depara o seguinte espectáculo:

O Gigi está a bater;
Tony a barafustar;
o gato preto, a correr;
E a Jabel a gritar!...

Portas a abrir e a fechar!...
As vidraças a tremer!...
Há cadeiras pelo ar,
e bochechinhas a arder!...

E ao lado da Jabelita
corre, corre sem parar,
um rio não sei de quê,
tão grande, que lembra o mar!...

*
* *
*

Diga-me, senhor Anão,
se não é de admirar,
que um menino amanhã,
faça tal revolução,
dentro do seu próprio lar?!...

PERIGOS do EXIBICIONISMO

POR LAURA CHAVES

O Dia, muito cansado,
já farto de trabalhar,
foi para casa maçado
e tratou de se deitar.
Sua mãe, a Luz, então,
fula, pregou-lhe um açoite,
indo acordar, de roldão,
a irmã do Dia, a Noite,
que, sem pressa, de vagar,
e sem fazer escarcéu,
foi ocupar o lugar
do irmão Dia, no céu.
E nessa altura, a Cigarra,
que cantara todo o dia,
guardou a sua guitarra
já farta de cantoria,
limpou as suas marrinhas,
pôs um avental à cinta
e foi ter com as vizinhas
que eram as bichas da quinta.

Principiou o paleio
junto duma couve-flor,
quando, dentro do centeio
se ouviu um grande clamor.
Era o maldito do Ralo
êsse cantor duma figa!
Ai, quem pudesse pisá-lo
a êle e mais à cantiga!
Se imaginava talvez
que era possível dormir
ouvindo *terrês-terrês*
sempre a zenir, a zenir...
E a Cigarrinha exaltada,

na maior indignação,
berrava muito danada:
êste bonito sermão.
Perante tamanho zêlo,
dizia-lhe a Libelinha
esfregando o cotovêlo:
— Se a inveja fôsse tinha...
— Inveja dum bicho imundo!
responde ela, num berreiro,
O ralo é baixo profundo,
eu sou soprano ligeiro!
Mestre grilho, que isto ouviu,
picou-se com tal dizer.
Julgam, talvez, que entupiui?
Pôs as asas a tremer
exclamando, todo ufano:
— Não me esqueçam, por favor,
pois se você é soprano
eu cá, então, sou tenor!

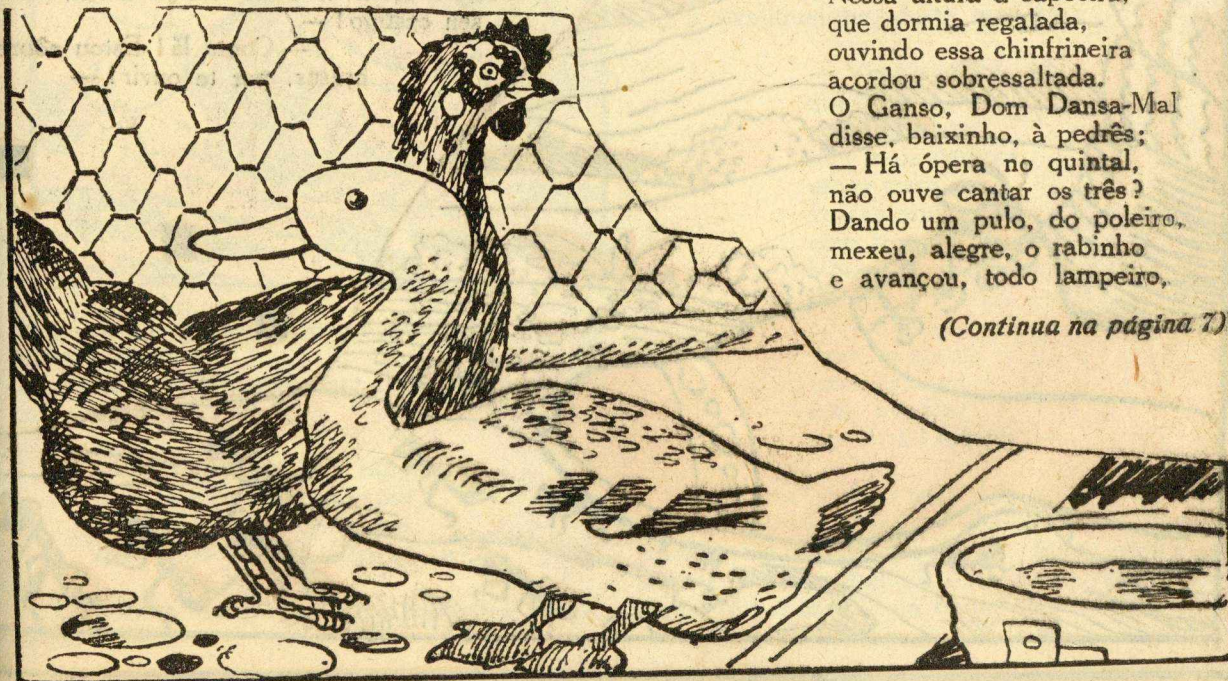
A nossa amiga Cigarra,
para a sua voz mostrar,
rapa outra vez da guitarra,
e aquilo é que foi cantar!
Um caracol lá da horta
ficou, com tais berrarias,
surdo que nem uma porta,
para o resto dos seus dias!
Ao senhor Bicho-de-Conta,
contabilista sem par,
pôs-se-lhe a cabeça tonta,
nunca mais soube contar.
A Lagartinha pacata,
assustada, por seu turno,



perante essa zaragata
chamava o guarda-noctur no.
O Gafanhoto, coitado,
ficou gago com tal bulha
e só saltava de lado,
só dava pinchos de agulha.
Pois a grita foi tão viva
que à Aranha, Dona Rabeia,
secou-se logo a saliva,
não fez mais dez reis de teia!
A Cigarra, o Ralo, o Grilo,
cantavam num desafôgo
e a formiga, ouvindo aquilo,
té supôs que havia fogo!

Nessa altura a capoeira,
que dormia regalada,
ouvindo essa chinfrineira
acordou sobressaltada.
O Ganso, Dom Dansa-Mal
disse, baixinho, à pedrês;
— Há ópera no quintal,
não ouve cantar os três?
Dando um pulo, do poleiro,
mexeu, alegre, o rabinho
e avançou, todo lampeiro,

(Continua na página 7)



A RABIGA ESPERTALHONA

POR ANÃO SABICHÃO
DESENHOS DE A. CASTANÉ

(Continuado do número anterior)

A voz da Coruja velha, anunciou:

— Venha a senhora formiga, chamada Dona Rabiga, aqui, ao amigo Anão, dizer da sua razão. —

Ao ouvir tal, a bicharia da bicha dos bichos, pôs-se a vociferar:

— Nós queremos ir adiante desse bicho insignificante! —

Então, o senhor Corujo que fazia a polícia, piou, zangado:

Se continuas em rixa, eu, à fôrça de bicadas, desfaço já essa bicha e as bôcas ficam caladas! —

Ainda uma pêga palrou, ainda um pardal piou, depois, tudo serenou e a Rabiga avançou.



— Viva a Dona Rabiga! — exclamei eu, contente por vêr aquela amiga que conhecia de longa data, pela sua fama de espertalhona.

Depois, preveni-a:

— Confio que irás contar algum caso engraçado para entreter a sociedade. —

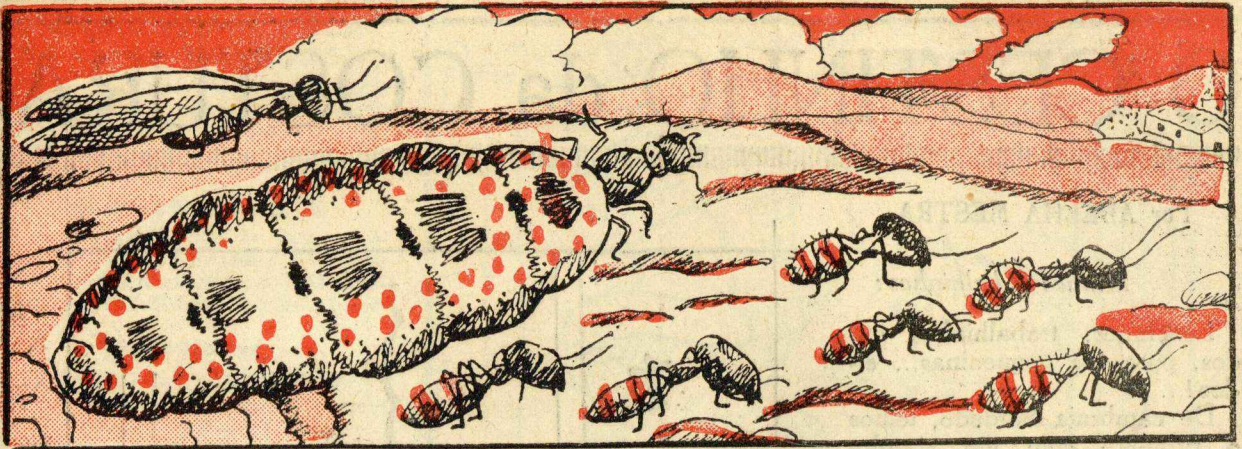
— Engraçado... engraçado... — não se pode bem dizer que seja! Mas vem muito a propósito para ser contado no «Pim-Pam-Pum». Trata-se dum castigo que eu inventei para um certo Chiquinho... —

— O quê? Aquele menino que vive numa casa com lindo jardim? — indaguei, já muito interessado.

— Vivia... vivia!... Tudo isso já lá vai, para seu castigo! —

— Conta lá! Estou sôbre brasas, por te ouvir! —



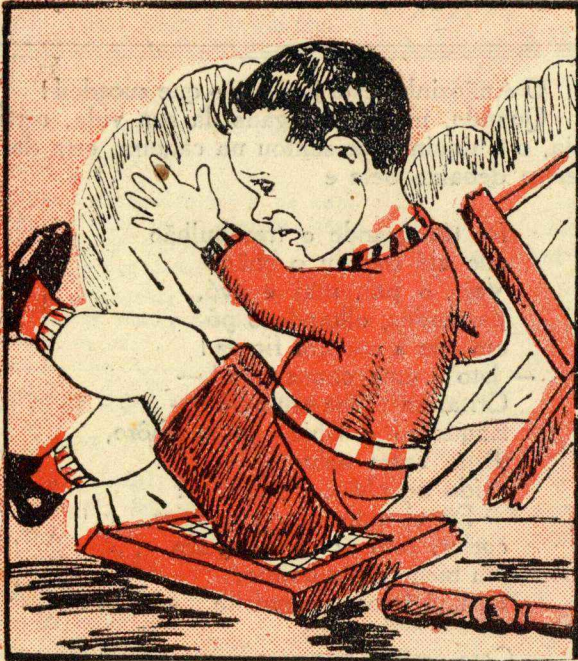


— Pois o tal Chiquinho tinha a feia mania de pisar todas as formigas que via no seu caminho e de as esborrachar com os dedos, se as apanhava a jeito, sôbre qualquer móvel ou nas plantas do jardim. Tôdas nós andávamos revoltadas com êste procedimento.

Mal o víamos sentado a brincar, vinhamos, muito sorrateiras, e picávamos a sua carne tenrinha.

O Chiquinho berrava, desesperado e cada vez nos espezinhava, com mais fúria!

Era preciso achar qualquer outra vingança



para castigo do malvado! — pensei eu, com os meus botões.

Parafusci no caso e, um belo dia, pus-me a cantarolar:

— P'ra castigar êste rapaz,
p'ra termos sossêgo e paz,
veio-me, agora, uma idea,
que julgo ser de mão cheia! —

Ligeirinha, dirigi-me a uma república de formigas brancas.

Estas senhoras formigas têm umas grandes cabeçorras sem olhos.

Apesar de cegas, são duma habilidade espantosa e temiveis roedoras.

Vivem nuns ninhos enormes, de quatro andares, construidos de barro sêco... —

— Olha lá, passa adiante a interessantíssima vida dessâ raça de formigas! Esse assunto quero guardá-lo para outra ocasião, porque, desta vez, não há espaço no «Pim-Pam-Pum» para contar as cousas extraordinárias que então descreverei aos meninos que me lêem.

— Está bem, Anãozinho, voltemos à minha história.

Vi-me grega para encontrar a rainha das formigas brancas naqueles complicados corredores e escaninhos de que se compõe o palácio onde moram.

Por fim, dei com ela, tão inchada, tão inchada, com os ovos que havia de pôr, que não podia sair dum aposento do rés do chão!

Contei-lhe a maldade do Chiquinho.

Sua Majestade ficou indignadíssima!

Até parou a sua postura, para me perguntar:

— E que queres tu de mim? —

— Vingança, senhora minha! — clamei eu,

E expliquei-me, desta maneira:

— Venho pedir
que deixais ir,
comigo, agora,
sem mais demora,
umas formigas,
vossas amigas,
com brevidade,
Vossa Magestade,
dê ordem, então,
ao batalhão,
para avançar,
para castigar
êsse menino
que é tão rabino! —

— E' má ocasião para aceder ao teu pedido!
— exclamou a rainha. — Muitas das minhas súbditas estão trabalhando, agora, numa obra de arquitectura monumental. Além disso, temos as paredes duma casa, para deitar abaixo... —

— Mas êste caso do Chiquinho, tem de ser

O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas Abelhinhas:

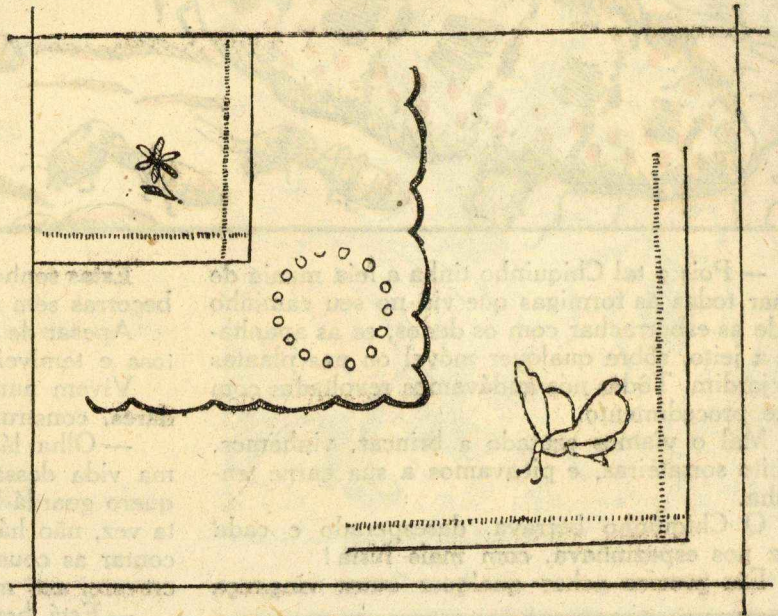
Lencinhos, trabalhinhos lindos, para vós pequeninas... ei-los!...

De cambráia bordado, temos o primeiro com um simples ajour e a sua pequenina flôr.

O segundo ficará um mimo, bordado com algodão brilhante, azulado, igual ao que se usa nos trabalhos da Ilha da Madeira

O terceiro ficará muito engraçado se bordarem a borboleta com linho de côr.

Estes lencinhos também ficam muito bonitos, se fôrem feitos sôbre opal rosa, azul, violeta, amarelo, etc.



Vossa Abelha Mestreira

liquidado o mais depressa possível! — implorei, numa voz trémula —

— Nós, fomiguinhas duma raça pequena, ainda podemos, todas juntas, lutar com os grilos, as cigarras, as aranhas, escaravelhos e mesmo com as borboletas e mosquitos, mas somos impotentes para lutar com meninos tão máus! — Aqui, estava já cheia de lágrimas.

— Está bem! Eu darei as minhas ordens! Gosto de proteger os fracos! — acudiu, condescendente, a bojudá raínha.

Numa voz de comando, que fez estremecer todo o palácio, gritou:

As mil e quinze formigas
que andam a roer as vigas,
a Rabiga seguirão,
e o que ela quizer,arão. —

E o que é que eu quiz?

Nada mais, nada menos, que elas se metessem no interior duma cadeira onde o Chiquinho se costumava sentar.

— Rôam por dentro,
mesmo no centro,
tôda a madeira,
dessa cadeira,
rôam com jeito,
muito a preceito! —

Aquele trabalho foi feito com tal habilidade pelas formigas roedoras, que a cadeira ficava ôca por dentro mas, por fora, conservou sempre a mesma forma, muito direita e jeitosa.

O Anãozinho está já a ver o que succedeu! Quando, muito sossegado da sua vida, certo dia, o Chiquinho se sentou na cadeira, esta desfez-se debaixo dele e

foi tão grande o trambulhão
que até tremeu o chão!
Veio o pai, mãe e avó,
pasmados, olhando o pó
em que a cadeira ficara!
— Isto é uma cousa rara! —
Gritaram todos em côro. —
Enquanto o Chico, num chôro,
dizia, entre soluços,
caído no chão, de bruços:
— Eu vi num pé da cadeira,
correr, com ar de Toupeira,
um bicho nada bonito,
mesmo feioso, exquísito... —

— Com certeza que era uma formiga branca! Só êsse terrível insecto pode assim dar cabo da madeira! — exclamou o pai. E acrescentou horrorizado:

— O que temos que fazer é mudar de casa! Se está está minada pelos malditos bichos, qualquer dia, até as paredes podem cair! Estamos num grande perigo! —

— O' pai, não se mude! Gosto tanto desta casa! Nunca mais terei um jardim tão lindo! — implorou o Chiquinho.

— Não há outro remédio, meu filho! Com tal bicharia não se pode lutar! —

Foi o que eu quiz ouvir!... —

Lá em baixo, na bicha dos bichos tôdas as

Concursos Charadísticos

PARA OS MENINOS COLORIREM

SECÇÃO RECREATIVA N.º 11 1.º CONCURSO

NOTA: — Toda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborda (Rei do Sêbo)* — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 43 — Lisboa.

Decifrações do n.º 5

1 — *Augusto de Santa Rita*; 2 — *Sustentar*; 3 — *Cacaréus*; 4 — *Malquisto*; 5 — *Ardente-arte*; 6 — *Alcinda-Alda*; 7 — *Conflito-conto*; 8 — *Galhêta-gata*.

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — *RUCAS* — 11 votos
N.º 2 — *AEÍLIO* — 3 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 5 — de «Anjocarfer» — 2 votos;
n.º 4, 1.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Anjocarfer, António C. Abreu, Barba Azul, Dália de Jesus, Dois Manos, Fernando, Líllicas, Noémia, Romualdo F. Santos, Zeca, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zeuzinho.
(Decifram 8 — Totalidade)

QUADRO MÉRITO

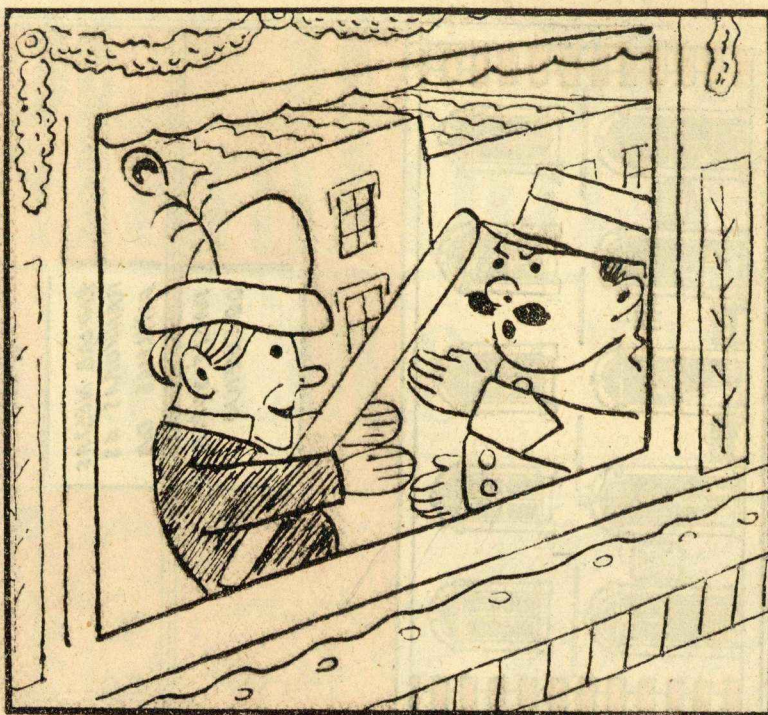
Eú, Lucar, Zarb, 7 — Um decifrador, 5.

OUTROS DECIFRADORES

Chalet d'Ossos, Um apologista d'«O Século», 3 — *Alfredo Matos, António Freire, 2.*

NOTA — A charada n.º 2, de «Abilio», que se publicou no número 5 deste concurso, ao contrário do que se fez, devia publicar-se assim:

Tenho «coragem» para procurar a sorte. Talvez ela se decida a favorecer-me... — 1-2.



SINCOPADAS

1 — Os versos deste homem não os declamo. — 3.

Diogo Lisboa — *Líllicas*

2 — O Zé Pacóvio é moreno? — 3
Noémia

3 — É robusto como um castelo e piegas como um poeta romântico. — 3

Valente Iraga — *Rucas*

MEFISTOFÉLICAS

4 — A letra grega goza de notariiedade no bairro lisboeta.

alfama I. Atirbac

5 — *Divulga-se* para aí que a planta está no soalheiro.

Coimbra — *John Biffe (C. C. C.)*

ELECTRICA

6 — O fabricante desta bebida tem ruim destino. — 2

Reguengos — *Sir Fantasma*

COMBINADA

7 — + ço = martelo de pau
+ dade = muller formosa
+ fada = vento forte
Conceito = *Ilha portuguesa*

madeira *Jocaró*

Perigos do Exibicionismo

(Continuação da página 3)

para o quintal, direitinho. Guiado pela lembrança que fazia a tal Cigarra, em berve meteu na pança a ela mais à guitarra. Atraído pelo trilho abriu o bico — que horror! — meteu no papinho o grilo e era uma vez um tenor! A seguir marchou o Ralo

mais o seu *Terrês-terrês...* e com pequeno intervalo o Ganso enguliu os três. Contento dessa partida êle cantava aos demais: — *Inda cantaram à — ida,* agora não cantam mais. Depois voltou para casa, pôs a cabeça, sem custo, anichadinha na âsa, e adormeceu como um justo. Por amor de dar nas vistas é que o Ganso — vejam lá —

enguliu os três artistas e acabou-se o «fun-gá-gá».

... ..
Aqui lavro o meu protesto contra a toleima. Afinal, o que é bom é ser modesto, ser simples, ser natural.

F I M

formigas, que tinham vindo assistir à audiência, saudaram a companheira, reconhecidas;

— Viva a Rabiga, a grande amiga que nos salvou, que nos livrou, dum demonico,

dum mafarrico!
— assim diziam,
e repetiam. —

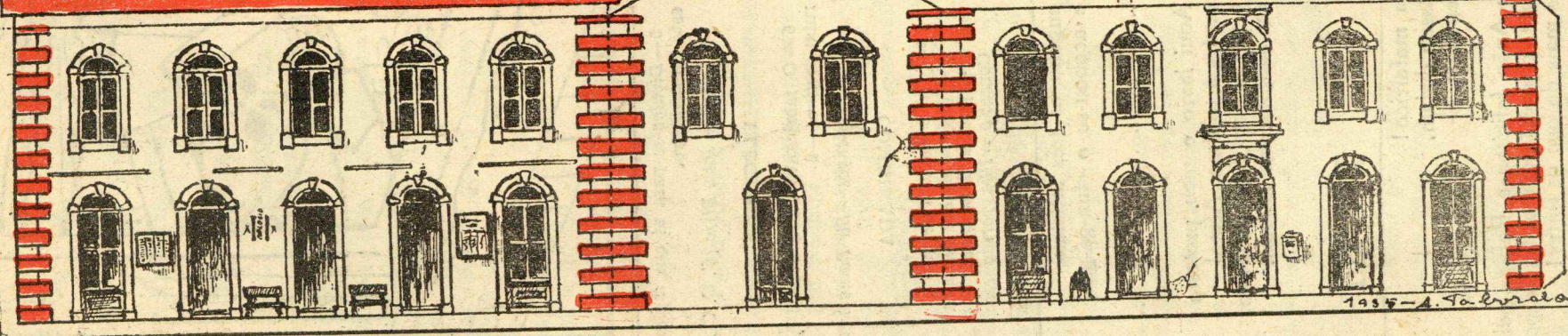
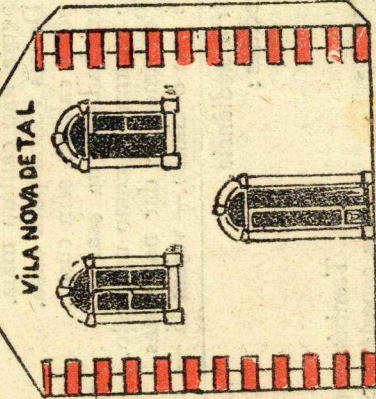
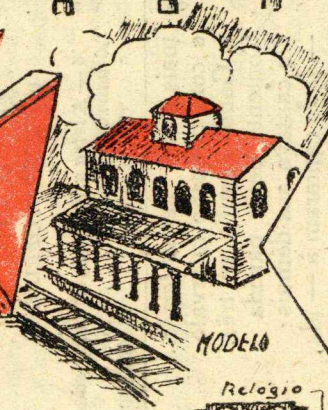
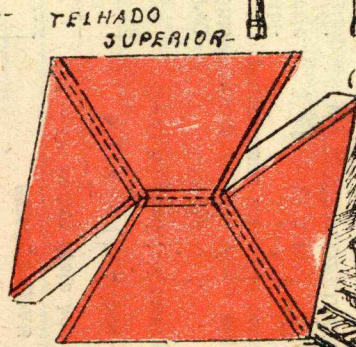
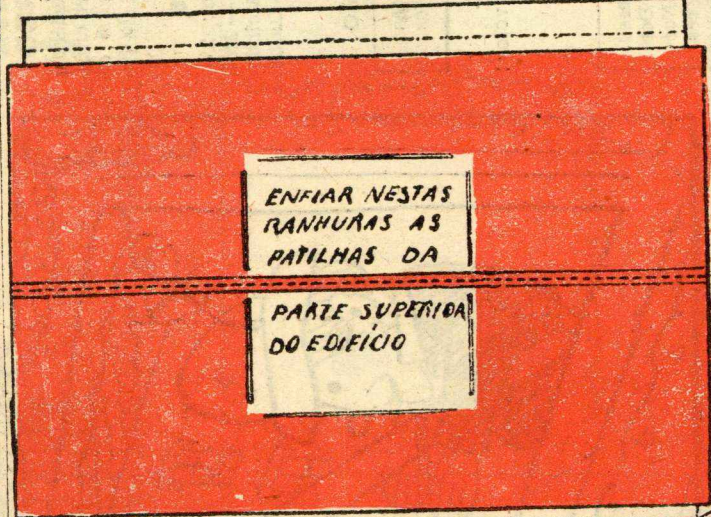
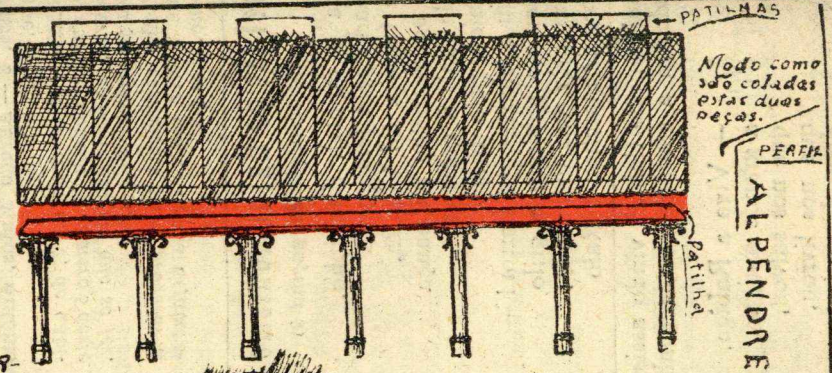
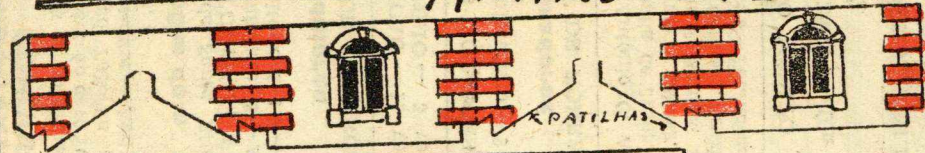
Também êste Anão felicitou a Rabiga pela sua esperteza e arte, provando que os fracos podem muitas vezes mais do que os fortes!

F I M

UMA VILA COMPLETA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

16ª Folha: ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO



PPPI
in am um.